

DIAS, L. A.; SOUSA, R. L. (Org.). Santo Amaro: a evolução urbana do bairro sob diversos olhares. São Paulo: LiteraRUA, 2016.

Diogo dos Santos Brauna

Resultado de uma pesquisa interdisciplinar financiada pelo CNPq, o livro organizado pelos autores Luiz Antônio Dias e Rafael Lopes de Sousa, materializa uma investigação sobre Santo Amaro ao longo de diversas temporalidades e temas, consequentemente produzindo diversos olhares sobre a região.

Dos primórdios da formação aos dilemas da contemporaneidade, passando pelas grandes transformações ocorridas ao longo do século XX, as pesquisas presentes no livro discutem temas diversos, pautados em três grandes pilares: as alterações sofridas pelas sociedades urbano-industriais visíveis, sobretudo, no estilo de vida e no convívio social de seus habitantes; os dilemas e a segregação marcante entre o centro e a periferia e, por fim, as novas maneiras de ocupação e utilização do espaço público pelos jovens da contemporaneidade. Neste sentido, destaca-se como tema norteador, a revelação das tramas que estimulam a segregação e os seus impactos no cotidiano da população periférica de Santo Amaro e regiões satélites.

Composta por sete capítulos, a obra privilegiou a pesquisa qualitativa sem necessariamente ignorar os aspectos quantitativos. Aliada ao intenso debate historiográfico, a memória e a outros elementos da produção cultural da região, especialmente a música, a literatura e a arquitetura urbana, foi possível construir diversos olhares sobre a história santamarense.

A seleção de temas abordados no livro merece destaque. O primeiro capítulo, destinado à investigação da colonização alemã no extremo Sul da cidade de São Paulo, promove um histórico da imigração e da formação das primeiras colônias estrangeiras no Brasil, destacando a ênfase da historiografia sobre o tema em bairros mais próximos do centro, como a Mooca, Bixiga e a Pompéia, dentre outros. Tal ênfase evidencia um privilégio dos imigrantes com mais condições materiais, cujos recursos financiaram a implantação de indústrias e ferrovias. Diferentemente dos imigrantes que ocuparam o extremo Sul da cidade, cuja ausência de posses lhes relegou os rincões devolutos da cidade.

Como contexto incentivador desta política de imigração, promovida desde a vinda da família real portuguesa, em 1808, e que foi acentuada com o processo de independência do Brasil, estaria também à necessidade de formar um contingente

militar para a defesa do território e para a ampliação das fronteiras. Outro objetivo evidenciado foi o de conseguir mão-de-obra para a lavoura, devido à redução de escravos geradas com a partir a da Lei Eusébio de Queiroz, na segunda metade do século XIX. Ao encontro deste processo, pode-se incluir a política de branqueamento, que seguia as recomendações das teorias raciais amplamente difundidas pelo discurso científico.

O capítulo analisa sob a perspectiva da História Regional os primórdios da formação do bairro de Santo Amaro, destacando o pioneirismo que a região teve no acolhimento dos imigrantes para todo o Estado de São Paulo, notadamente não reconhecida na historiografia regional. Analisa também os conflitos em torno das promessas feitas aos colonos, uma vez que os agenciadores transmitiam a ideia do Brasil como a terra das oportunidades. São utilizadas como fontes de pesquisa, além da bibliografia existente sobre o tema, uma extensa documentação e dispositivos legais sobre a imigração no Brasil e a memória de antigos moradores da região em forma de depoimentos.

O livro aborda também o crescimento do bairro de Santo Amaro e sua consolidação como área de extrema importância cultural para a região, fruto do esforço comunitário presente em diversas situações, dentre elas a construção da Organização Santamarense de Educação e Cultura, atualmente conhecida como Universidade Santo Amaro. A faculdade isolada e posteriormente Universidade consolidou sonhos em realidade, além de contribuir culturalmente, o que a tornou um dos patrimônios históricos da região e protagonista no contexto de luta por novas vagas na educação superior em toda a Cidade de São Paulo.

O esforço comunitário revelou-se na árdua campanha dos moradores para a consolidação do projeto da faculdade, que começou a tomar corpo por meio da doação de um terreno, dos móveis e de recursos, arrecadados na chamada campanha dos tijolinhos, que consistia em talões, cujas folhas correspondiam aos tijolinhos da futura instituição. A trajetória da faculdade e de seu papel na região, tema do segundo capítulo intitulado da campanha dos tijolinhos ao satélite, é analisada por meio da documentação interna da faculdade, depoimentos de moradores da região e de funcionários da Universidade. O objetivo principal do capítulo é apresentar as lutas da população pela educação superior, a formação da faculdade e sua expansão para o Brasil, através da Educação a Distância.

Vale destacar que construção da faculdade atendeu uma demanda significativa para a História da educação brasileira, marcada pela chamada crise dos excedentes, caracterizada pela ausência de vagas nas universidades em meados da década de 1960. A pesquisa constatou que a construção da faculdade atendeu também aos

interesses de empresários e industriais, que poderiam contar com uma força de trabalho mais qualificada, além das grandes incorporadoras que lucrariam com a valorização imobiliária da região. Não obstante, para a população trabalhadora também havia a possibilidade de evitar uma verdadeira jornada cotidiana para áreas mais distantes em busca de um curso superior.

Outro aspecto evidenciado no terceiro capítulo da obra é o aumento significativo dos conflitos e da segregação nos espaços da cidade de São Paulo, manifestado pelas disputas dos espaços urbanos e visível nas manifestações culturais presentes na região de Santo Amaro, dentre elas o surgimento do Rap, entendido na obra como uma forma de intervenção dos jovens da periferia nesta disputa.

Intitulado segregação e conflito na cidade de São Paulo: a disputa pelo espaço urbano, o capítulo é fruto de um olhar apurado sobre a urbanização e a questão social em São Paulo. Evidencia os princípios históricos pelos quais a elite paulistana buscou engajar-se em alternativas para o convívio, considerando como marcas desse processo o discurso higienista e as formas de deslocamento das elites para longe dos pobres, considerados perigosos. Contraditoriamente, o crescimento demográfico tornaria o deslocamento obsoleto na cidade, levando as elites a buscarem formas mais eficazes de segregação. Neste sentido, o discurso higienista foi empregado como aparato público para controlar e segregar a população.

Nas primeiras décadas do século XX, portanto, a cidade de São Paulo passou por diversas alterações significativas em seu traçado urbano e novas regras de ocupação do espaço, verificados pela construção de novas avenidas propostas pelo plano de Avenidas da gestão Prestes Maia. Essas medidas acentuaram as distinções sociais e reafirmaram o seu caráter segregador, delimitando as avenidas do centro em direção ao subúrbio e privilegiando os interesses da elite quanto ao patrimônio. A nova realidade, então, favoreceu as indústrias localizadas em regiões mais centrais, alvo dos investimentos em infraestrutura, encareceu o preço dos aluguéis e elevou os custos de vida, obrigando os pobres a ocuparem as áreas mais afastadas da cidade. Cabe salientar que tais medidas endossavam um discurso modernizador e supostamente progressista emanado pelo poder público.

Neste processo, a população pobre relegada aos confins da cidade construiu sua identidade e adotou estratégias para superar a segregação. Na cotidiana e histórica, a rua converteu-se em espaço privilegiado de sociabilidade e o rap e o funk como estilos musicais, por exemplo, foram os veículos de denúncia da dureza da vida, revelando o esforço dos jovens para construir significados e denunciar as contradições da nação.

A partir da ótica de ocupação urbana e das adversidades encontradas para o exercício da plena cidadania, a vida cotidiana e as manifestações culturais tipicamente periféricas revelam a anticordialidade de uma parte da cidade em relação à outra.

O capítulo retrata ainda, de maneira profunda, a construção histórica dos bairros que compõem a periferia da Zona Sul de São Paulo. Com a luta pela Redemocratização no final da década de 1980, os antigos bailes e a sociabilidade das ruas ganham novos espaços, levando para o centro da cidade as contribuições pouco convencionais da cultura da periferia.

Na contemporaneidade, as alterações dos espaços públicos e privados da cidade provocaram mudanças significativas e ganharam novos contornos. As elites, extremamente descontentes com a capacidade do poder público, passam a contratar cada vez mais a segurança privada e buscam os condomínios fechados, evocando o direito de não serem incomodadas pelos segmentos indesejáveis da população.

Outros espaços característicos da região de Santo Amaro também foram objetos privilegiados de pesquisa no conjunto da obra. Os capítulos intitulados Memória e Sociedade: Igreja Matriz de Santo Amaro e Arqueologia urbana e Patrimônio histórico-arqueológico discutem a formação e a importância da Igreja Matriz e do Cemitério local para a região como patrimônios artísticos e culturais. Como lugares de memória, tanto o cemitério quanto a igreja tiveram papel fundamental nas tradições e práticas culturais santamarenses.

A Igreja da Matriz, principal referência e cartão postal de Santo Amaro, apresentou ao longo de sua história muitas fases e faces e sua influência junto à comunidade ultrapassou a esfera religiosa, sendo percebida também em ações sociais, delimitações de territórios e no próprio desenvolvimento regional. As próprias cerimônias convencionais, ao menos até meados dos anos de 1980, ganhavam as ruas do bairro contribuindo para o desenvolvimento do comércio local. Nos dias atuais, no entanto, a dinâmica tomou outra trajetória, principalmente em função da desindustrialização ocorrida na região.

Por sua vez, o cemitério também representa importante patrimônio histórico para o bairro. Como lugar de memória, um dos objetivos é construir um itinerário que leva o visitante a percorrer o passado. Logo, o chão onde repousam os mortos pode ser considerado um bem a ser conservado e patrimonializado.

Assim, a pesquisa apresenta o cemitério como um museu a céu aberto, um lugar de memória, que constrói representações específicas do passado. É ainda local de ritos bastante específicos, como o culto ao mendigo curandeiro conhecido como Bento do Portão, que viveu em meados do século XIX em Santo Amaro.

O cemitério possui também túmulos de outras personalidades, dentre eles o do artista José Guerra e o do comandante Jose Foster, responsável por liderar as tropas brasileiras na Guerra da Cisplatina, evidenciando a trajetória do cemitério com a história da formação territorial brasileira.

Além dos cartões postais de Santo Amaro, o livro também contempla temas ligados à qualidade de vida da população da região e estudos sobre as condições sociais e econômicas. Nos dois últimos capítulos, intitulados respectivamente como Espaços-Tempo na Metrópole de São Paulo: industrialização, urbanização e desindustrialização na relação centro-periferia e A Interdisciplinaridade na Educação Formal como Ferramenta de Promoção dos Direitos Humanos, são discutidos dois processos de extremo impacto para a população da região de Santo Amaro: o processo de industrialização e desindustrialização da região, entendido como o desaparecimento das atividades ligadas à indústria, e o papel das organizações sociais e da educação para a promoção e efetivação dos Direitos Humanos nas periferias.

A pesquisa sugere, que o fenômeno da (des)industrialização de Santo Amaro contribuiu fundamentalmente para a formação da periferia da Zona Sul e do pauperismo da classe trabalhadora da região, cujos efeitos verificam-se nas transformações econômicas na esfera local e na própria identidade urbana, além da deterioração da qualidade de vida da população periférica. Além disto, o processo assistido em Santo Amaro, quando visto sob a perspectiva histórica, aparece de modo particular e também total com a cidade de São Paulo. Logo, pensar a (des)industrialização em Santo Amaro é condição para compreender a história contemporânea de São Paulo.

Vale destacar que a trajetória santamarense tem particular papel no processo de industrialização a partir da década de 1950 e possui destaque com os projetos desenvolvimentistas do governo Juscelino Kubitschek e da Ditadura Militar, principalmente durante o chamado Milagre Econômico da década de 1970. Concomitante ao processo de industrialização ocorre também a formação das áreas periféricas, pois o processo de crescimento industrial brasileiro possuiu características bastante contraditórias, uma vez que foi acompanhado pelo exponencial aumento das taxas de exploração do trabalho, da repressão salarial e da priorização dos lucros, ocasionando conflito latente entre as forças produtivas e as relações de produção.

Neste cenário, a população cada vez mais empurrada para os extremos da cidade sofre com a evidente depreciação das condições de vida, impulsionada pelas novas configurações da centralidade econômica da cidade. Para os autores, este movimento atualiza e intensifica a relação centro-periferia, ocasionando as

características determinantes das periferias paulistanas, especialmente da Zona Sul de São Paulo.

Outro aspecto de impacto fundamental na qualidade de vida da população periférica e consequência imediata da sua trajetória histórica são as constantes violações dos Direitos Humanos, cujos impactos são mais intensos nos distritos do Campo Limpo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz, este último objeto de estudo do capítulo final da obra.

A ausência de Direitos Humanos ao longo da história da humanidade abriu caminhos para os genocídios, causando traumas irreparáveis, como o holocausto e a guerra do Vietnã, dentre outros. Por este motivo, a grande batalha do mundo pós-guerra é para que os Direitos Humanos sejam garantidos efetivamente. O surgimento ao longo da história de tais direitos e o seu caráter universal, são condições fundamentais e inalienáveis para o homem moderno.

Assim, o corpo legislativo brasileiro possui diversos dispositivos legais que garantem os Direitos Humanos. No entanto, a pesquisa aponta que alguns distritos da Zona Sul de São Paulo vigoram como regiões extremamente perigosas e violentas, apresentando taxas de homicídio recordes no mundo. Assim, a educação e a escola tornam-se locais privilegiados como meios de difusão e de consolidação dos Direitos Humanos, cujos pilares estão assentados numa educação voltada para a mudança e de natureza permanente e continuada, para a inclusão de valores e não apenas instrução, e pelo compartilhamento desta educação entre alunos professores e toda a comunidade.

Diante de tal cenário, a pesquisa analisa o trabalho de algumas organizações não governamentais da região. A partir da revisão bibliográfica da área e de entrevistas com ativistas políticos e educadores sociais, além de outros protagonistas, destaca o trabalho de instituições como a casa do Zezinho, Orpas, a É Di Santo e a Cooperifa, cujas contribuições têm sido observadas pelo desenvolvimento das comunidades com alta vulnerabilidade social.

Diversos olhares e um mosaico de hipóteses abertas para futuros pesquisadores e professores. É deste modo que os autores caracterizam o livro. Apesar de a proposta parecer improvável historicamente, devido ao longo espaço e tempo percorridos pelas pesquisas apresentadas, os entrecruzamentos propostos e as relações foram realmente possíveis e perceptíveis.

O papel histórico da região em diversos contextos, desde a sua formação como povoado jesuítico ao protagonismo industrial do século XX. O multifacetado papel que exerce nos dias atuais. A referência que exerce para as regiões satélites e os seus

importantes lugares de memória foram objetos problematizados e contextualizados na obra por historiadores e geógrafos.

Percebe-se, enfim, que a maior contribuição da obra reside em seu olhar para a população do bairro, especialmente a população residente na periferia. Apesar das transformações ocorridas ao longo do tempo é na transição dos séculos XX e XXI, que a região de Santo Amaro possui uma combinação extremamente perversa: cresce vertiginosamente e verifica-se a queda significativa dos índices econômicos e da qualidade de vida de sua população. A perversidade reside nas formas de segregação e nos diferentes olhares projetados sobre essa população, destinadas aos locais mais distantes dos centros. O espaço urbano, portanto, torna-se cenário de intensas disputas, desde a luta pela sobrevivência e moradia ao enfrentamento da especulação imobiliária. Nesta trama duramente moldada, a periferia constrói laços de solidariedade e identidade, geralmente ausentes nos meios de comunicação, cuja violência quase sempre é a notícia.